

O ar do tempo traz a lembrança de utopias e de ficções a respeito de um porvir assustador, distopias. Extremos da imaginação, não menos que o cotidiano, propiciam vaticínios sobre os rumos da epopéia psicanalítica. Estes pressupõem às vezes um acerto de contas com a sua idade avançada. 2001? Quantos serão? Voltada para *um tempo que não passa*, precisamente nomeado por Pontalis, a psicanálise não tem compromisso com a futurologia, seja esta mais ou menos otimista. Mas sua investigação não se detém diante das formas presentes que o sujeito e as massas são levados a dar ao mundo e a seus modos de nele estar.

Agora e sempre a metapsicologia persegue a trajetória de idéias, não por pura especulação ou prazer. Submete-se à fortuna e aos infortúnios do desejo, que assomam na clínica. Se deixasse de refleti-la, o corpo teórico psicanalítico se desfaria no ar, como o do astronauta do filme de Stanley Kubrick, este por causa acidental, quem sabe. Os ensaios psicanalíticos recusam-se ao *apaziguamento*. Acompanham a escuta, que não tem outro modo de existir senão o de se arriscar ao estranho na própria casa, ao *unheimlich*. Ulisses às avessas, ela cria seus estratagemas para que ressoe o canto inquietante das sereias, ou do que quer venha à tona flutuar.

O futuro de uma ilusão inclui um modo de narrar a origem de crenças desta cultura, estilo literário dos primórdios, que se pode alterar. Porém a advertência final, feita por Freud nesse livro, refere-se aquilo que jamais deixaria de caracterizar a psicanálise. Uma característica essencial se definiria pelo negativo. A própria psicanálise conteria a impossibilidade de nós, psicanalistas, obtermos em qualquer outra parte o que ela não nos pode dar. Freud lembra que nosso aparato psíquico é, ele mesmo, um elemento daquele mundo exterior que se trata de investigar. A psicanálise não passaria de *ilusão*, se pretendesse ignorar este enunciado básico. Mas também se iludiria, omitindo que a psique se desenvolve no afã de investigar o mundo exterior, e, portanto, estrutura-se com alguma adequação a esse fim. Os resultados da ciência estariam condicionados por nossa organização psíquica e por aquilo que sobre esta tivesse produzido efeito.

A teoria psicanalítica não pode encontrar solução para o enigma do sujeito em outras ciências ou na estética. Mas não está, como nunca esteve, impedida de retomá-lo, consultando-as. Mais do que isso, deixar de fazê-lo seria desconhecer sua origem e possibilidades de equacionamento. É por estas que *Percursos* navega, segundo os rumos que tomam as indagações de seus colaboradores.